



PREFEITURA DE SÃO PAULO

SECRETARIA MUNICIPAL DO VERDE E DO MEIO AMBIENTE DIVISÃO DE PLANEJAMENTO E APOIO AOS COLEGIADOS

Rua do Paraíso, nº 387 - Bairro Paraíso - São Paulo/SP

Telefone: 5187-0137

PROCESSO 6068.2025/0008175-8

Ata SVMA/CGC/DPAC Nº 153522499

Audiência Pública-"Novos Edifícios do Campus Zona Leste da UNIFESP"

Data: 18/03/2026

Duração: 1 hora e 25 minutos

Local: Auditório da CIFA -Centro Itaquerense das Famílias Amigas

Rua Flores do Piauí, 170 – Itaquera/SP

Participantes

Mesa Diretora:

· Liliane Neiva Arruda Lima – Coordenadora Geral – SVMA - CGC

Assessores:

· Neusa Pires – SVMA - Assessora

Apresentadores:

· Raiane Patrícia Severino Assumpção - UNIFESP

· João José Alpendre Malucelli - PJJ Malucelli Arquitetura e Engenharia

· Fernanda Hariane Ferraz - Ferraz Leal Consultoria Ambiental

Técnica :

· Erika Valdman - SVMA/CLA

Demais:

Vide Lista de Presença (153492657) e (153492951)

Transcrição Automatizada

Liliane Arruda - Coordenadora Geral (SVMA/CGC/CADES)

Boa tarde a todos e todas. Vamos dar início à nossa audiência pública. Meu nome é Liliane Arruda, sou coordenadora da Coordenação de Gestão de Colegiados e estou aqui representando o secretário municipal do Verde e Meio Ambiente, Rodrigo Kenji

de Souza Ashiuchi.

Hoje, dia 18 de março de 2026, iniciamos os trabalhos desta audiência pública, referente ao Estudo de Impacto de Vizinhança (EIV) e ao Relatório de Impacto de Vizinhança (RIV) do empreendimento “Novos Edifícios do Campus Zona Leste da UNIFESP São Paulo”.

O estudo está registrado no processo administrativo 6068.2025/0008175-8 e é de responsabilidade do empreendedor JJ Malucelli Arquitetura e Engenharia Ltda., em parceria com a Ferraz Leal Consultoria Ambiental.

O objetivo desta audiência pública é discutir, esclarecer e recolher sugestões sobre o referido EIV e RIV. Informamos que a audiência está sendo realizada presencialmente na Rua Flores de Piauí, nº 170, Itaquera, São Paulo, no auditório da CIPA. Esta sessão segue as normas da Resolução CADES 2016.

Terão direito à fala as pessoas previamente inscritas, tanto na forma online quanto presencial. No momento, os participantes presenciais inscritos são: Professor Valter, Simão Pedro, Douglas Samuel (Cursinho Padre Ticão), Antônio Timóteo, Sandro Barbosa, Cirlei Monteiro, Josias Lima, Fernanda, Edilson Mineiro, José Roberto Azulão e Mohamed. Cada manifestante terá três minutos para se pronunciar, com monitoramento do tempo pela Daniela. Após esse período, a fala será encerrada.

Em seguida, passamos ao segundo ponto da pauta: a formação da mesa. Participam:

- **Sra. Erika Valdman:** Supervisora Técnica da Divisão de Avaliação de Impactos Ambientais (SVMA).
- **Profa. Dra. Raiane Patrícia:** Reitora da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP).
- **Sr. João José Alpendre Malucelli:** Arquiteto responsável pelo projeto (JJ Malucelli Arquitetura).
- **Sra. Fernanda Ferraz:** Engenheira Ambiental responsável pelo EIV/RIV (Ferraz Leal Consultoria).

A apresentação das características do projeto ficará a cargo de João José Alpendre Malucelli, enquanto a condução do Estudo e Relatório de Impacto de Vizinhança será realizada pela engenheira ambiental Fernanda Hariane Ferraz.

Antes de iniciar a apresentação, daremos espaço à reitora para apresentar brevemente o histórico e a missão da instituição. A senhora terá três minutos para sua fala.

Profa. Dra. Raiane Patrícia:

Boa tarde a todos e todas.

Gostaria de iniciar destacando a importância desta audiência pública para nós, da Universidade Federal de São Paulo. Espaços de debate e discussão como este são fundamentais, e agradecemos a oportunidade de participar.

A Universidade Federal de São Paulo possui setes campus, sendo o Campus Zona Leste o mais recente integrante da nossa estrutura organizacional. Embora a universidade tenha 30 anos, este campus se originou de uma escola com 90 anos de história. Com o Campus Zona Leste, que abriga o Instituto das Cidades, conseguimos ampliar e completar nossas áreas de conhecimento, fortalecendo ainda mais a composição da universidade.

Este campus é de extrema importância para nós, pois foi um projeto desejado e planejado cuidadosamente. Ele também responde a uma demanda histórica da própria região da Zona Leste, que há décadas solicita a presença de uma

universidade federal. Ao instalar este campus, a Universidade Federal de São Paulo atende a essa necessidade e se consolida como uma referência educacional na região.

Estamos há dez anos na Zona Leste, inicialmente em uma sede provisória, com dois cursos: Geografia – Licenciatura e Bacharelado. Hoje, já contamos com o curso de Arquitetura e fomos contemplados com recursos do PAC Universidades para a construção definitiva do campus e do Instituto das Cidades.

A autorização para iniciar a obra é, portanto, de fundamental importância para consolidar este campus, que já possui vagas de professores, técnicos e cursos aprovados. Temos os recursos disponíveis e todas as etapas anteriores já foram cumpridas, inclusive atendendo a solicitações da Prefeitura ao longo dos últimos dois anos.

Esperamos que esta audiência permita um debate produtivo, evidenciando que a presença do campus na Zona Leste tem impacto extremamente positivo do ponto de vista ambiental, social, cultural e educacional.

Muito obrigada.

Sr. Arqº. João Malucelli (Projeto Arquitetônico): Temos aqui a implantação do complexo do Campus Universitário. A entrada principal está localizada na Zona Sul, com acesso inicial pela guarita. A partir desse ponto, desenvolve-se um corredor central coberto, destinado aos pedestres, que percorre todo o campus.

Os edifícios destacados em azul representam as construções existentes, enquanto os demais correspondem aos novos projetos. Entre os existentes, temos o restaurante atual e algumas salas de aula, além do bloco antigo — a antiga fábrica — que, neste momento, não está incluído na proposta de reforma.

O Instituto das Cidades é um dos principais blocos novos, abrigando auditório, salas de aula, laboratórios e áreas de apoio. Já o prédio administrativo concentrará todas as funções administrativas do campus, incluindo salas de reunião.

Há também um edifício de apoio ao restaurante, que contará com áreas complementares e outras atividades. Na área externa, estão previstas uma quadra coberta e uma quadra descoberta ao fundo.

O Galpão 2, atualmente existente, será reformado. Ele abrigará um miniauditório, blocos de salas de aula e, no térreo, uma grande biblioteca, além de praças de convivência entre os volumes. O Galpão 3, de menor porte, terá laboratórios e áreas de apoio.

A área total do projeto gira em torno de 74 mil metros quadrados.

O bloco administrativo terá entre quatro e cinco pavimentos, com recepção principal e acessos distribuídos. Já o bloco do Instituto das Cidades contará

com entrada de serviço e entrada principal independente. No pavimento inferior, encontra-se um auditório, enquanto os pavimentos superiores abrigam salas e laboratórios. O edifício também inclui anfiteatros e um grande hall central aberto, com rampas de circulação e iluminação natural proporcionada por amplas superfícies envidraçadas.

O projeto ainda contempla áreas como foyer para teatro, espaços de convivência e integração entre os diferentes blocos por meio de corredores de pedestres.

No Galpão 2, destacam-se salas de aula, laboratórios e a integração com áreas externas, como a quadra coberta. Já o Galpão 1 apresenta dois pavimentos com salas e áreas de convivência. Há também um miniauditório e um auditório maior com arquibancadas laterais.

Por fim, o conjunto de laboratórios completa a estrutura acadêmica proposta, encerrando o estudo e o desenvolvimento do projeto executivo. Obrigado.

Sra. Eng°. Fernanda Ferraz (Estudo EIV/RIV): Eu sou Fernanda Ferraz, responsável técnica pelo Estudo de Impacto de Vizinhança (EIV) elaborado para os novos edifícios do campus da Unifesp.

O Estudo de Impacto de Vizinhança tem como objetivo identificar e avaliar os impactos que um empreendimento pode gerar no seu entorno. No caso em questão, o empreendimento corresponde aos novos edifícios da Unifesp.

O estudo se inicia com a definição das áreas de análise: a área diretamente afetada, a área indiretamente afetada e a área de influência direta. A área diretamente afetada corresponde ao próprio campus da Unifesp. A partir dessa delimitação, foi estabelecido um buffer de 350 metros, dentro do qual são analisados os impactos do empreendimento sobre a população e o entorno imediato.

Com base nessa delimitação, foi elaborado um mapa que representa tanto a área do campus quanto sua área de influência. Em seguida, foi realizada a análise do zoneamento municipal, o que permitiu avaliar a compatibilidade do empreendimento com a legislação vigente, bem como identificar os impactos positivos e negativos associados.

Na etapa de caracterização da área de estudo, foram analisados os aspectos urbanísticos por meio de verificação in loco, incluindo a identificação de equipamentos existentes no entorno, como unidades de saúde, escolas, edificações residenciais e industriais, além de serviços

diversos. Essas informações foram confrontadas com o zoneamento municipal.

A área da Unifesp está inserida predominantemente em Zona Predominantemente Industrial 2 (ZPI-2), além de estar localizada em zona de estruturação e qualificação urbana. Trata-se de uma área situada integralmente na zona urbana, com diversidade de usos e ocupações do solo, presença de desigualdades socioespaciais e diferentes padrões de urbanização, sendo considerada propícia para o desenvolvimento de atividades urbanas.

O entorno já apresenta ocupação consolidada, com presença de escolas, unidades de saúde, serviços, hospitais e a Avenida Jacu Pêssego, via de grande fluxo que desempenha papel importante na conexão da Zona Leste.

O empreendimento também está inserido na APA Parque e Fazenda do Carmo, especificamente em zona onde são permitidos usos como atividades agrícolas, hortifrutigranjeiras, comércio varejista e prestação de serviços, nos quais o projeto se enquadra.

O estudo contemplou ainda a análise de diversos fatores, como valorização imobiliária, infraestrutura urbana, iluminação e ventilação, emissões atmosféricas, níveis de ruído, geração de resíduos, sistema viário e o enquadramento como polo gerador de tráfego.

Em relação aos níveis de ruído, foram realizadas medições em dois pontos, nos períodos diurno e noturno. No ponto 1, localizado em frente à Avenida Jacu Pêssego, próximo ao acesso principal, foram registrados 78 dB no período diurno e 62 dB no noturno, ambos acima dos limites permitidos, devido ao intenso fluxo de veículos. No ponto 2, situado nos limites do terreno, os valores foram de 76 dB no período diurno e 58 dB no noturno, sendo este último dentro dos limites aceitáveis. Esses dados confirmam que a região já apresenta níveis elevados de ruído.

Também foi realizado o estudo de polo gerador de tráfego na Avenida Jacu Pêssego, com contagem de veículos nos dois sentidos da via. A partir de dados bibliográficos

e estimativas de demanda, foi possível projetar o volume de veículos atraídos pelo empreendimento, considerando diferentes modos de transporte, como automóveis, motocicletas, transporte público e aplicativos. A análise indica que o sistema viário existente possui capacidade para absorver esse incremento.

A matriz de impactos elaborada no estudo considera as fases de implantação e operação do empreendimento. Entre os impactos positivos, destacam-se a geração de empregos, o fortalecimento do comércio local e o dinamismo econômico na região.

Por outro lado, os impactos negativos incluem geração de resíduos da construção civil, aumento temporário de ruídos, emissões atmosféricas, interferências no sistema de drenagem e possíveis impactos no tráfego. Para todos esses aspectos, foram propostas medidas mitigadoras, como a implementação de planos de gerenciamento de resíduos, controle de emissões, monitoramento de ruídos e adequação dos sistemas de drenagem.

Na fase de operação, destacam-se impactos como geração de esgoto sanitário, aumento na circulação de pessoas e veículos e continuidade da valorização imobiliária. Esses efeitos são considerados administráveis, especialmente com a adoção de medidas adequadas de gestão.

Quanto aos equipamentos comunitários, entende-se que não haverá sobrecarga significativa, uma vez que o público atendido pelo campus não reside no local, utilizando tais serviços de forma pontual.

A conclusão do estudo indica que, embora o empreendimento gere impactos positivos e negativos, os impactos adversos são, em sua maioria, temporários, localizados e mitigáveis. Já os impactos positivos apresentam maior relevância, especialmente no âmbito social e econômico.

Dessa forma, conclui-se que a implantação do empreendimento é viável, desde que sejam adotadas as medidas de controle propostas e respeitadas as legislações vigentes. Os impactos negativos poderão ser reduzidos ou eliminados por meio de planejamento, monitoramento e gestão adequados. Muito obrigada.

Foram concedidos 3 minutos para cada manifestante:

Prof. Valter Almeida Costa: Boa noite a todos!

Quero cumprimentar e parabenizar o trabalho apresentado pelo João e pela engenheira ambiental Fernanda Ferraz. É um prazer celebrar novamente a presença da reitora Rayane. Neste momento, entre todos os professores da Unifesp aqui presentes e os amigos do Movimento pela Universidade na Zona Leste, lembramos que desde 2008 tivemos inúmeras reuniões plenárias, abraços e a participação de milhares de pessoas nessa luta. É uma luta antiga, e muitas pessoas que contribuíram para ela infelizmente não estão mais conosco.

Em nome desse sonho — o sonho do padre Ticão, do Rodrigo Reis e de tantos moradores do Jardim Eliane — celebramos hoje essa apresentação, que, surpreendentemente, superou minhas expectativas e trouxe resultados muito positivos.

Quero, especialmente, parabenizar o trabalho da engenheira ambiental Fernanda Ferraz. Lembro que faço parte do Movimento pela Unifesp há muitos anos, e é nessa qualidade que estou aqui hoje. Sinto muito orgulho ao recordar que, há dez ou onze anos, fui uma das pessoas da sociedade civil a assinar o projeto pedagógico da Unifesp, junto com o professor Márcio e a gloriosa Ana Martins. Um dos cursos previstos nesse projeto, em sua primeira versão de 2015, foi justamente o curso de Engenharia Ambiental.

O nosso sonho — o sonho do padre Ticão, o meu, do Rodrigo e de milhares de pessoas — era que pudéssemos chegar a este momento: ver este prédio gigantesco, este projeto maravilhoso, que vai receber quatro mil alunos. Esperamos formar centenas de arquitetos, administradores, engenheiros ambientais como a Fernanda, e transformar esta universidade em uma verdadeira usina de pesquisadores e educadores em diálogo com o movimento social da Zona Leste.

A monitoria, que vai minimizar eventuais impactos negativos, será garantida pelos próprios alunos, profissionais e pesquisadores da universidade. Durante o período em que ajudei a desenvolver o projeto, publicado em 2015, eu também estava atuando como Conselheiro do Conselho Gestor da APA da Fazenda do Carmo. Apreendi muito com biólogos, técnicos e engenheiros ambientais, como a Fernanda. Hoje posso dizer que também sou um defensor das causas ambientais.

Por isso, essa universidade pública na Zona Leste — sonho de milhares de pessoas — vai ajudar a tornar nosso território mais justo, socialmente e ambientalmente sustentável. Temos a esperança de que a prefeitura continue colaborando, assim como fez em várias visitas, inclusive com a presença da deputada federal Juliana Cardoso, para agilizar o licenciamento e apoiar este sonho. Precisamos de pessoas que contribuam, e não que atrapalhem, esse projeto que envolveu e inspirou milhares de pessoas ao longo dessas décadas. Muito obrigado a todos!

Sr. Simão Pedro: Boa tarde, Pessoal! Boa tarde, Liliane, e Reitora Raiane.

Em nome da comunidade, cumprimento todos vocês. Primeiramente, parabéns pela apresentação do relatório de impacto do projeto arquitetônico

Essa será a primeira universidade federal na zona Leste, um sonho antigo da população local. É um anseio transformar nossa região de “dormitório” em um lugar cheio de oportunidades, principalmente para os jovens e futuros moradores. Este projeto é fruto do empenho das lideranças junto ao MEC e à Prefeitura, que trabalharam para aquisição e desapropriação do terreno, e do convencimento da UNIFESP.

Temos estudos que mostram que uma universidade em Itaquera, no coração da zona Leste, transforma não apenas o panorama arquitetônico, mas também gera conhecimento, empregos e novas oportunidades. O impacto social para a vizinhança é muito positivo, e eventuais impactos negativos serão mitigados, inclusive no aspecto ambiental. O projeto preserva áreas verdes e promove a descontaminação do terreno, que anteriormente abrigava uma metalúrgica desativada.

É importante destacar que os trabalhadores locais se envolveram no processo e deram contribuições valiosas, como sugerido por líderes comunitários como Timóteo e Azulão. Diante de tantos benefícios, pedimos à Prefeitura que libere as licenças necessárias para que as obras possam começar. Não há mais sentido em adiar esse projeto, especialmente quando vemos tantos empreendimentos sendo construídos na região sem a mesma rigurosidade.

Que esta audiência seja positiva e nos permita realizar o sonho de tantos cidadãos. Inspirados pelo Padre Ticão e por tantas lideranças, acreditamos que, com a UNIFESP, a USP e os institutos federais, além das melhorias viárias e políticas públicas associadas, podemos transformar nossa região em um lugar pleno de oportunidades, futuro e esperança para o nosso povo. Muito obrigado pela atenção.

Sr. Douglas Samuel (Cursinho Popular Padre Ticão): Boa noite a todos.

Gostaria de começar agradecendo a presença da reitora, que tem papel fundamental nesse processo de consolidação da universidade.

Quero retomar, como muitos já mencionaram, a trajetória do Padre Ticão. Nós

começamos no cursinho popular vinculado à Paróquia São Francisco de Assis, no Matarazzo, que funciona como um núcleo de informação e debate sobre o acesso à universidade para jovens da periferia. Há sete anos, organizamos esse cursinho, e muitos dos nossos alunos hoje ingressam em universidades públicas gratuitas.

O papel da universidade vai muito além da democratização do ensino: ela também influencia diretamente o futuro da juventude. Nesse sentido, a luta pela implantação do campus da Unifesp na Zona Leste é antiga e contínua.

Desde os primeiros esforços, como os abraços simbólicos mencionados pelos professores e pelo próprio Padre Chicão, até a luta contra o cadeião e a construção da FATEC, da ETEC e do campus da EACH, vemos que o território sempre exigiu atenção especial.

Atualmente, discutimos questões como a licença ambiental, mas também é importante refletir sobre experiências passadas, como a do campus da EACH da Universidade de São Paulo. Além disso, devemos lembrar de outros companheiros que caminharam conosco, como o saudoso paulistano Luiz, da CBN, que está aqui hoje.

A universidade tem um impacto social concreto. A Unifesp, por exemplo, realiza pesquisa e estudos que transformam a realidade do território. Em 2019, lançamos, junto com a professora Silvinha, do campus da Unifesp, um estudo sobre a Zona Leste e os movimentos sociais, mostrando como a universidade cumpre seu papel social, produz conhecimento e dialoga com a comunidade.

Saudar esta audiência pública é fundamental, principalmente para os movimentos sociais e para a periferia. Agradeço a todos pela presença e pelo compromisso com essa causa.

Sr. Antonio Timóteo: Boa tarde a todos e todas.

Antes de mais nada, peço desculpas em nome da nossa reitora. Sem menosprezar ninguém aqui presente, é importante refletirmos sobre o que está universidade significa para a Zona Leste. Ela merece que o poder público demonstre mais comprometimento e autenticidade neste momento tão importante para a nossa região.

O Walter mencionou o ano de 2008, mas a luta vem de muito antes. Acompanhamos esse processo desde os anos 1980 e 1990, quando a falência de uma grande empresa marcou a vida da comunidade. Naquela época, quase duzentos pais de família ficaram desempregados após um golpe financeiro envolvendo empréstimos do BNDES que desapareceram com o fechamento da fábrica. Muitos desses trabalhadores eram analfabetos e, para ajudá-los, montamos uma cooperativa visando manter a fábrica em funcionamento e formar esses trabalhadores.

Infelizmente, o projeto não prosperou, mas a ideia se manteve viva. Foi a partir desse movimento que a comunidade, incluindo o padre Paulo, o padre Rosalvo e depois o Ticão, se mobilizou para dar visibilidade e reconhecimento ao projeto. E hoje, estamos colhendo os frutos desse esforço.

No entanto, é impossível não refletir sobre o impacto real desse processo. Muitos dos trabalhadores originais já faleceram e nunca viram seus sonhos realizados, como ver os filhos estudando nesta universidade. A tecnologia e a infraestrutura de hoje poderiam ter acelerado esse processo — mais de 25 anos trabalhando para construir algo tão essencial é, no mínimo, desafiador. Enquanto isso, enfrentamos problemas graves: criminalidade crescente, violência e ataques contínuos às mulheres. E, diante de tudo isso, onde está o poder público? Onde estão os 55 vereadores de São Paulo? Precisamos continuar a luta para consolidar a Universidade Federal na Zona Leste.

Por fim, gostaria de ressaltar a importância de questões práticas, como o impacto ambiental e a necessidade de duplicar as vias de acesso à universidade antes do início das obras, porque o trânsito na região está caótico. Muito obrigado.

Sr. Sandro Barbosa: Bom, boa noite a todas e a todos.

Cumprimento à mesa, excelente apresentação do João e da Fernanda, e a Rayane, que também está presente. Saúdo todos vocês da prefeitura e todos que estão aqui nessa luta.

Como já mencionou o nosso companheiro que me antecedeu, essa história tem mais de quarenta anos. Começou lá na década de 1980, com um sonho dos movimentos populares da Zona Leste, inspirado, inclusive, por uma sugestão do nosso patrono da educação, Paulo Freire, que incentivou os movimentos da Zona Leste na época: a construção de uma universidade popular.

E é exatamente isso que estamos fazendo aqui: construir a Universidade Popular que o povo escolheu erguer neste território. Um território carente, periférico, em uma metrópole extremamente segregada, onde universidades, hospitais e empregos se concentram no centro expandido da cidade. Nós estamos aqui como vetor de expansão para a classe trabalhadora.

Sou filho de pais nordestinos, imigrantes, que ajudaram a construir a Zona Leste com o fruto do seu trabalho. Por isso, essa luta é também pessoal. Sou cientista social, professor e educador popular, e faço parte do Centro de Estudos Periféricos, criado em maio de 2018 nesta universidade. Nosso objetivo é integrar pesquisadores e pesquisadoras da periferia — que vivem a periferia no dia a dia — para trazer nossas pautas para a universidade e produzir conhecimento a partir da realidade concreta da classe trabalhadora, das mulheres, dos jovens, da população negra, indígena e pobre que ainda não têm acesso à universidade.

Sabemos que a universidade pública no Brasil ainda é muito elitizada. Por isso, o campus da Zona Leste é fruto de luta. Precisamos “pintar” a universidade de preto, branco, amarelo, vermelho — de colorir a universidade — para torná-la diversa e gerar conhecimento transformador, que impacte nosso cotidiano e nossas realidades.

Estamos trabalhando para isso em parceria com a universidade, com os primeiros cursos de extensão no campus, apoiando o Cursinho Popular do Coletivo Baobá, desenvolvendo pesquisas e agendas propositivas para as periferias, que resultaram, inclusive, no livro Reflexões Periféricas, junto com o Professor Tiaraju, coordenador do CEP, e mais de 30 pesquisadores de várias periferias de São Paulo.

Trazemos pautas fundamentais: trabalho, educação, saúde, moradia. Perguntamos: como pensar a universidade para que seja acessível e, ao mesmo tempo, transformadora? É por isso que estamos aqui.

Agradeço a apresentação e deixo uma questão aos colegas que apresentaram: além dos impactos gerais, como está sendo pensada a questão das moradias estudantis? Isso é muito importante, considerando que já há muitos prédios sendo erguidos no entorno e a valorização imobiliária já começou, desde o estádio do Corinthians e os impactos da Copa do Mundo. Se a Copa chegou até aqui, a universidade também precisa estar presente. E a Universidade do Povo é, acima de tudo, uma universidade popular. Muito obrigado.

Sra. Cirlei Monteiro: Boa tarde.

Gostaria de começar destacando que os impactos gerados serão compensados pela transformação da região, promovendo uma verdadeira democratização do ensino.

Estamos enfrentando retrocessos em diversas áreas, e a educação não é exceção.

Nossa vida acadêmica, os estudos e o ensino em geral têm sofrido com essas dificuldades. Por isso, a criação de uma faculdade aqui na região será extremamente positiva: um movimento de melhoria que beneficiará diretamente as pessoas que moram na Zona Leste, evitando que precisem se deslocar para outras regiões para estudar.

Pessoalmente, faço Gestão Ambiental e estudo no centro da cidade. Se eu tivesse a oportunidade de estudar aqui na Zona Leste, teria sido muito mais acessível e inclusivo. Essa iniciativa, portanto, vem em um momento crucial, especialmente para quem vive em áreas periféricas e busca seus direitos à educação.

Defendemos com entusiasmo a implantação da Unifesp na Zona Leste. Muito obrigada!

Sr. Josias Lima: Boa noite a todos e a todas.

Meu nome é Josias e faço parte do Diretório Central dos Estudantes da UNIFESP. Quero cumprimentar nossa reitora, Prof.⁹ Raiane nosso sempre presente deputado estadual Simão Pedro, além de todos os movimentos sociais e moradores da Zona Leste que estão aqui conosco hoje.

Quero começar minha fala destacando a grande preocupação com a demora na liberação das licenças pela prefeitura e pelas secretarias responsáveis. Enquanto vemos a construção de diversos prédios que desrespeitam a Lei de Zoneamento da cidade, a universidade, que cumpre todos os requisitos legais e tem por vocação contribuir social, cultural e educacionalmente, continua aguardando desde 2019 por uma licença que lhe é de direito.

Esperamos que, após esta audiência, a Secretaria do Verde, a SMUL e a Prefeitura assumam o compromisso de agilizar o processo e garantir a licença para a construção e expansão da universidade que já existe. O que debatemos aqui é a expansão e consolidação da estrutura da UNIFESP, que já formou duas turmas de graduação e desenvolve pesquisa e atividades cotidianas dentro do campus.

Nossa universidade já contribui significativamente para o desenvolvimento de uma cidade mais justa, sustentável e inclusiva, especialmente em uma região tão afetada pela desigualdade. Nesse contexto de crises climáticas e desafios sociais, a presença da universidade pública e da ciência se torna ainda mais necessária e urgente.

Gostaria de enfatizar que esta é também uma luta dos estudantes e da juventude, filhos e filhas de trabalhadores que enfrentam diariamente dificuldades, como longos deslocamentos e falta de oportunidades, mas que têm o direito de estudar em uma universidade pública, federal e de excelência, como a UNIFESP.

Para finalizar, quero trazer uma fala da Prof.⁹ Raiane, que sempre justifica nosso esforço em defesa da universidade pública:

"Onde há universidade pública, chega esperança, cultura e produção de conhecimento transformador."

É justamente isso que buscamos: retribuir à sociedade tudo aquilo que recebemos, com conhecimento, pesquisa e ação social, lembrando que a universidade é mantida com recursos do povo trabalhador. Por isso, a presença da UNIFESP na Zona Leste é urgente e necessária, e a prefeitura precisa agir com mais celeridade na garantia das licenças. Muito obrigado.

Sra. Fernanda Shara: Boa noite a todas e todos.

Meu nome é Fernanda Shara e estou representando o Fórum Social da Zona Leste. Também sou conselheira participativa em Itaquera e faço parte da Frente Periférica por Direitos. Boa noite, Raiane, e boa noite a todos presentes.

Quero dizer que o Fórum Social da Zona Leste participou ativamente da luta pela aprovação da ampliação do campus da UNIFESP, especialmente no final de 2023. Ainda há questões pendentes sobre essa ampliação, mesmo com o PAC já aprovado e outros trâmites concluídos.

Essa é uma luta histórica da Zona Leste, que remonta aos trabalhadores da região, que buscaram transformar condições trabalhistas adversas em benefícios públicos. A consolidação do campus é, portanto, extremamente importante, inclusive para projetos sociais como os liderados pelo padre Ticão.

Quanto ao impacto ambiental, a compensação apresentada é significativa e, conforme foi mostrado, vale muito a pena. Esperamos agora a aprovação definitiva da Prefeitura.

Além disso, como muitos companheiros já mencionaram, existem muitas soluções tecnológicas e ambientais já aplicadas por comunidades locais. Um exemplo é o Jardim da Pena, que recicla 80% dos seus resíduos sólidos, demonstrando que há estruturas e estudos disponíveis para apoiar iniciativas sustentáveis. A UNIFESP já colabora com essa comunidade, e podemos expandir essas trocas de conhecimento com a ampliação do campus.

Por isso, não vejo razão para adiar essa ampliação. É uma oportunidade de fortalecer a educação, a tecnologia e o desenvolvimento sustentável da nossa região. Muito obrigada.

Sr. Edilson Mineiro: Boa noite a todos e cumprimento a reitora Raiane.

Os profissionais da prefeitura estão desenvolvendo os estudos, e gostaria de trazer algumas contribuições em relação ao Estudo de Impacto.

Primeiramente, todas as falas registradas até agora destacaram aspectos históricos da formação do território. Acredito que essas contribuições deveriam ser incorporadas ao texto do estudo como antecedentes, pois elas se relacionam diretamente com a implantação da universidade.

Existem lutas históricas importantes que merecem registro, como a criação da APA da Fazenda do Carmo, da APA do Iguatemi, da Fazenda da Algazarra e a própria luta pela universidade. Esses processos estão documentados em arquivos privados e públicos, mas também é fundamental que haja um registro público dessas lutas, e que esse registro seja refletido no estudo, principalmente na justificativa introdutória.

Os estudos não podem ser uma mera reprodução de modelos pré- estabelecidos; precisam dialogar com a realidade concreta do território. Por exemplo, na década de 1980 e 1990 surgiu o movimento chamado Polo Industrial e Econômico – ou Polo Econômico e Ecológico da Zona Leste –, que consolidou a perspectiva de que a região precisava de desenvolvimento, mas de forma sustentável: ambiental, social e econômica. O Plano Diretor da cidade também incorporou essa perspectiva, enfatizando a compatibilização do desenvolvimento com a preservação dos espaços ambientais existentes.

Outro ponto importante é ir além do formal, destacando a necessidade de que o desenvolvimento planejado aconteça. É evidente o impacto positivo da implantação do campus na região, que ainda enfrenta déficit de desenvolvimento econômico. Muitos macroprojetos da prefeitura, que poderiam gerar progresso na região, estão paralisados. A ampliação do campus contribuirá de forma significativa para o desenvolvimento local.

Também é necessário registrar os impactos da não implantação do campus. Sem política pública ou atuação do poder público, a região tende a ser ocupada pelo

setor imobiliário, que muitas vezes promove construções que geram grande impacto territorial, pouca ocupação efetiva e pouco planejamento ambiental. Diferentemente desses projetos, o campus tem uma perspectiva ambiental e segue um processo de licenciamento que começou em 2021, com todas as características positivas que já foram apontadas.

Por isso, é fundamental estabelecer um cronograma que permita a conclusão rápida do Estudo de Impacto de Vizinhança e a aprovação imediata do projeto pelos órgãos licenciadores da Prefeitura de São Paulo. É preciso integrar as secretarias – não apenas a Secretaria do Verde ou a de Licenciamento Urbanístico isoladamente – e criar uma mesa de controle social com participação de conselhos ambientais, de política urbana e conselhos participativos, que possam se reunir regularmente para acompanhar o andamento do projeto.

Em algum momento dessas audiências, é importante definir claramente quando será concluído o processo de licenciamento da ampliação do campus.

Essas são as contribuições que gostaria de registrar. Como mandato do vereador Nabil, acompanhamos o processo de licenciamento e continuaremos pressionando para que seja concluído rapidamente. Obrigada.

Sr. José Roberto (Azulão): Feliz Dia do Ser Humano!

Pessoal, como já fui apresentado, esta é a primeira audiência que estou participando. E, antes de mais nada, não estou aqui para apenas homenagear todos os trabalhadores e trabalhadoras da Gazarra — vivos ou falecidos. Estou aqui para fazer uma pergunta simples: para que serve uma universidade?

Eu sou do movimento da população na área da saúde, e posso afirmar: a universidade serve para formar médicos, engenheiros, ambientalistas. Ela existe para atender às necessidades da juventude, como a da Zona Leste, que precisa de educação de qualidade. É necessário ter universidade.

Mas então me pergunto: precisamos de uma audiência pública para discutir a construção de uma universidade, de uma escola ou de um hospital? O básico, o “arroz com feijão”, não precisa ser discutido: tem que ser implantado. Agora, precisamos discutir o que realmente nos afeta, como o incinerador que querem instalar próximo às nossas casas, ou melhorias em parques ambientais que nunca recebem saneamento ou pavimentação. São questões de impacto real, que merecem debate.

Quatro mil ou quinze mil estudantes vão precisar de infraestrutura adequada, como esgoto correto. Isso é óbvio, e é responsabilidade de qualquer governo ou parlamentar. Mas não podemos aceitar uma audiência pública para discutir apenas o mínimo, aquilo que já é obrigação do Estado.

Por isso, não podemos aceitar discutir apenas o básico. Precisamos de ações concretas para defender a educação, a saúde e o bem-estar da população. Esta é a primeira vez que participo de uma audiência aqui, e fui convidado pelo Timóteo. Lá em São Bernardo, quando eu era diretor do Sindicato dos Metalúrgicos, já fizemos arrecadações de alimentos e defendemos trabalhadores.

Para concluir: não devemos aceitar que a audiência pública seja usada apenas para discutir o que já é obrigação do governo. Devemos focar no que realmente importa, no que precisa ser implementado e no que impacta a vida das pessoas. Obrigado.

Sr. Mohamed Fernando: Boa noite a todos.

Meu nome é Mohamed. Há dez anos, houve um chamado. Nós, como sociedade civil, atendemos a esse chamado, assim como outras entidades.

O tempo passou, muitos companheiros ficaram pelo caminho, mas nós seguimos

aqui. Continuamos firmes.

Sou sucessor do Rodrigo Reis, com quem tive a honra de trabalhar por sete anos. E posso dizer com convicção: aquela semente do poder popular germinou.

Hoje, quero apresentar a vocês os impactos que a universidade tem gerado, por meio do trabalho intitulado “Implementando a Abordagem de Vizinhança em São Paulo, a partir do levantamento das prioridades urbanísticas locais do Jardim Ariel”. Esse projeto faz parte do PNUMA — Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente — e é algo verdadeiramente extraordinário. Um projeto único, que ganhou reconhecimento internacional: dezessete universidades ao redor do mundo vieram conhecer essa experiência. Foi replicado. Deu certo.

Infelizmente, nossos governantes não deram a devida atenção a isso. Mas nós fizemos — e temos muito orgulho.

Faço parte de conselhos importantes, como o da APA, há quatro anos, e também do Parque Natural Municipal Fazenda do Carmo. E afirmo: a audiência pública é necessária, sim, mas precisamos ir além do protocolo.

Precisamos falar sobre a gentrificação na Zona Leste. Hoje utilizo esse termo com propriedade, porque aprendi com professores, como Pedro Arantes, e com tantos outros que caminharam conosco pelo território. Um território que foi, sim, invadido — não por quem buscava moradia digna, mas por interesses de especulação. Um território que foi incendiado. E nós colocamos nossos corpos em risco para defendê-lo.

Nós queremos, sim, a Universidade Federal aqui. Respeitamos todos que lutaram antes de nós. Não inventamos a roda — nós damos continuidade a essa luta.

Sobre os impactos: precisamos falar do PMM. Por que a Secretaria do Verde não implementa essas ações? Por que não enxerga o processo de gentrificação em regiões como Jardim Lilian, Gleba do Peixe, Goiabeira, Novo Horizonte, Jardim Cibeles?

Não há coletor-tronco de esgoto. E sabemos disso porque participamos de reuniões técnicas com professores da UNIFESP e com a SABESP.

Eu não sou formado academicamente, mas sou agente de inovação socioambiental. E falo com propriedade porque aprendi na prática, em uma relação profunda e transformadora com a universidade — uma relação que levo para a vida.

Eu defendo, e continuarei defendendo, os territórios vizinhos e a UNIFESP. No que depender de mim, essa universidade vai crescer e alcançar ainda mais pessoas. Porque há muitos que falam, mas poucos que fazem. E nós fazemos.

Também registro minha indignação com a ausência dos vereadores, que deveriam estar aqui, pois são pagos com o dinheiro da população.

Para concluir: participamos da 109 Conferência Internacional de Educação Ambiental, e nosso lema continua o mesmo — seguimos na luta.

E assim permaneceremos. Contem com a Associação de Moradores e Amigos do Jardim Eliane e Territórios Vizinhos. Muito obrigado.

Sr. Matheus Muradas: Boa noite a todos e todas, tudo bem?

Gostaria de cumprimentar a Rayane, que representa aqui institucionalmente a universidade, e parabenizar os técnicos João e Fernanda pelo excelente trabalho apresentado. Trata-se de um estudo extremamente detalhado, que expõe com clareza os impactos ambientais e sociais envolvidos.

Pelo que temos acompanhado nesta audiência pública, todas as manifestações

caminham no mesmo sentido: são falas favoráveis ao projeto. Isso demonstra que a população não apenas apoia, mas lutou ativamente para que essa universidade fosse implantada. Portanto, se há impactos, eles são, sobretudo, impactos positivos — impactos de desenvolvimento para a Zona Leste.

E é importante destacar que esse impacto não é apenas local. Uma universidade não se resume a suas estruturas físicas; ela é feita de pessoas, de conhecimento e de produção intelectual. E essa universidade já está gerando impacto muito além da área da Gleba do Pêssego — está impactando o Brasil.

Hoje, temos professores produzindo indicadores para a Secretaria do Verde, contribuindo com agendas globais como os Global Goals de adaptação, e atuando em temas centrais discutidos internacionalmente. A Unifesp já está inserida no que há de mais avançado no debate global, produzindo conhecimento que não apenas transforma a Gleba do Pêssego, em Itaquera, mas contribui para transformar o país.

O plano pedagógico dessa universidade é voltado justamente para enfrentar os principais desafios do Brasil, especialmente os desafios urbanos.

Estamos falando da formação de arquitetos, geógrafos e gestores públicos preparados para pensar soluções sustentáveis e estruturais para as nossas cidades.

Por isso, é fundamental reconhecer que o impacto ambiental também deve ser compreendido nesse sentido mais amplo — incluindo a atuação transformadora dos profissionais que serão formados aqui.

Dito isso, gostaria de me dirigir diretamente à Secretaria do Verde. Há uma grande preocupação com a morosidade do processo de licenciamento, que já se arrasta há sete, quase oito anos, desde o primeiro “Comunique-se” da Unifesp.

Diante disso, faço uma pergunta direta e objetiva: quando será aprovado, de forma definitiva, o licenciamento da Unifesp?

Temos um estudo técnico robusto e consistente, apoio da população e o alinhamento institucional de diferentes esferas. Ainda assim, seguimos aguardando uma definição por parte da Prefeitura.

Quando buscamos posicionamento do prefeito, a resposta é de apoio. Quando dialogamos com o ministro Camilo, também há sinalização positiva. No entanto, na Secretaria do Verde, não vemos a presença das principais lideranças neste debate.

O secretário Rodrigo Ashiuchi deveria estar presente. A secretária adjunta Tamires também. Assim como a universidade está aqui representada institucionalmente, seria fundamental que a Prefeitura estivesse presente em seu mais alto nível.

Agradeço à coordenadora presente, que cumpre seu papel com responsabilidade, mas ressalto: este projeto exige o envolvimento direto das instâncias superiores da gestão municipal.

Reitero, portanto, a pergunta: quando será concedida, de forma definitiva, a licença para a Unifesp? Muito obrigado.

Liliane Arruda - Coordenadora Geral (SVMA/CGC/CADES)

Encerrando nossa reunião, gostaria de agradecer à nossa reitora, Raiane Patrício da Assunção, da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Parabéns pelo trabalho!

Entendo que todos estão ansiosos para que a universidade seja ampliada o mais rápido possível, considerando que a espera já dura sete anos. Farei o acompanhamento atento dessa questão.

Também agradeço ao Sr. João, pelo apoio na parte de arquitetura, um agradecimento especial à Sra. Fernanda, que apresentou os pontos de forma clara e

esclarecedora.

Quanto ao encerramento da nossa audiência pública, informo que todos os procedimentos legais foram devidamente cumpridos.

Em conformidade com a Resolução CADES nº 177/2016, dou por encerrada a presente audiência pública, realizada presencialmente no dia 18 de março de 2026, iniciada às 17h45 e encerrada às 19h10.

Muito obrigada a todos os presentes!

São Paulo, 25 de março de 2026

Liliane Neiva Arruda Lima
Coordenadora Geral CADES
SVMA/CGC



Liliane Neiva Arruda Lima
Coordenador(a) Geral
Em 25/03/2026, às 16:17.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site
<http://processos.prefeitura.sp.gov.br>, informando o código verificador **153522499** e o código CRC **8E12DC50**.
